

O Povoado da Idade do Bronze da Cimalha

Pedro Brochado de Almeida e Francisco Fernandes***

Resumo

A escavação arqueológica efectuada nas Cimalhas detectou um povoado atribuível à Idade do Bronze. Os vestígios encontrados permitiram identificar diversas áreas com funções especializadas. Desde uma área habitacional, passando pela zona com fossas de aprovisionamento, até à necrópole do povoado, todas as áreas são constituídas por estruturas do tipo fossas abertas no saibro. O trabalho apresentado é o primeiro estudo sintético das diferentes áreas detectadas pela escavação arqueológica, tendo em atenção a não dicotomia entre sagrado e profano e o valor dos mortos como legitimadores dos lugares, criadores de memória e de identidade

Abstract

The archaeological intervention executed at Cimalha, detected the existence of one settlement belonging to the Bronze Age. The evidences found allowed the identification of different areas with “specialised functions” in the settlement. Since one residential area with two huts, passing through a zone with storage pit, in a number of 122, until the necropolis with 175 identified graves, all the areas of the settlement are constituted by structures cut in the sandy clay. The work here presented is the most synthetic study of the different detected areas by the archaeological excavation, done so far, concerning that the non-dichotomy between the sacred and the profane and the value of the dead, as legitimated of places, creators of memories and identities.

1. Introdução

O presente trabalho apresenta alguns dos resultados obtidos pelos trabalhos arqueológicos prévios às obras de construção da auto-estrada A11/IP9 (sublanço

Guimarães – IP4), trabalhos esses realizados no monte da Cimalha, levados a cabo pela empresa de arqueologia Mola Olivarum, Património Lda., sob a promoção da AENOR (Auto-Estradas do Norte).

* Arqueólogo. Direcção da intervenção arqueológica do povoado da Cimalha.

** Arqueólogo. Direcção da intervenção arqueológica do povoado da Cimalha.

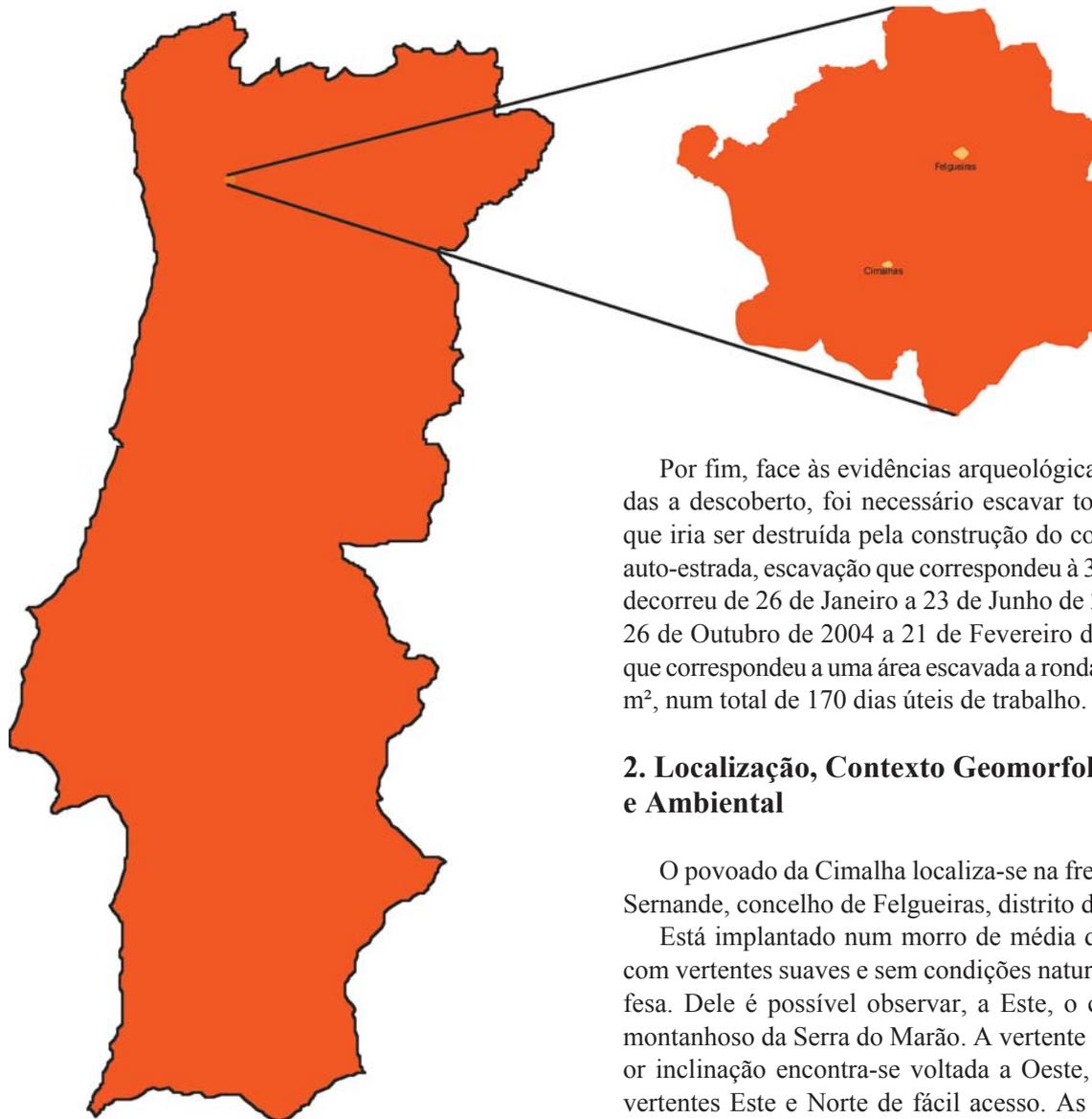


Figura 1a. Mapa Localização Povoado da Cimalha.

Os trabalhos arqueológicos decorreram em três fases distintas. Numa primeira fase procedeu-se à abertura das primeiras sondagens arqueológicas, de forma a confirmar o potencial arqueológico do sítio, sondagens essas que decorreram entre o dia 23 de Outubro até ao dia 7 de Novembro de 2003. Seguiu-se-lhe uma segunda fase, com o alargamento da área escavada, de forma a clarificar algumas das estruturas humanas aí detectadas, fase essa que decorreu entre 17 de Novembro a 12 de Dezembro do mesmo ano.

Por fim, face às evidências arqueológicas colocadas a descoberto, foi necessário escavar toda a área que iria ser destruída pela construção do corredor da auto-estrada, escavação que correspondeu à 3ª fase que decorreu de 26 de Janeiro a 23 de Junho de 2004 e de 26 de Outubro de 2004 a 21 de Fevereiro de 2005, o que correspondeu a uma área escavada a rondar os 4500 m², num total de 170 dias úteis de trabalho.

2. Localização, Contexto Geomorfológico e Ambiental

O povoado da Cimalha localiza-se na freguesia de Sernande, concelho de Felgueiras, distrito do Porto.

Está implantado num morro de média dimensão, com vertentes suaves e sem condições naturais de defesa. Dele é possível observar, a Este, o complexo montanhoso da Serra do Marão. A vertente com maior inclinação encontra-se voltada a Oeste, sendo as vertentes Este e Norte de fácil acesso. As linhas de água encontram-se a pouca distância, mas encaixadas nos vales que as circundam. Os terrenos da envolvente possuem óptimas condições agrícolas, condições essas que se prolongam inclusivamente pelas vertentes do próprio povoado. Deste modo, era possível encontrar terreno agrícola em abundância no interior do território potencialmente explorável, que se situasse entre os 15 e os 30 minutos de distância. (Fig. 1)

Geomorfológicamente, situa-se numa zona de transição entre a plataforma de Felgueiras, zona que abrange a parte central do concelho de Felgueiras, área geológica tendencialmente coberta por um manto aluvial proveniente da meteorização dos granitos porfíroides,



Figura 1. Monte da Cimalha antes do início da escavação.

e os relevos periféricos que delimitam o concelho de Felgueiras a Oeste e Sudoeste. O terreno geológico é assim composto por rochas ígneas, nomeadamente, formações graníticas sob a forma de granitos porfiroídes de grão grosseiro, a maioria deles em avançado estado de meteorização, mas que formam um terreno ainda suficientemente impermeável e resistente para comportar as estruturas rasgadas no mesmo.

A cobertura vegetal do local é essencialmente composta por espécies arbustivas e herbáceas, existindo ainda alguns eucaliptos, sobretudo na vertente mais a Sul/Sudeste.

A área arqueologicamente intervencionada situa-se na vertente Norte, sendo que o topo do morro encontra-se ocupado por uma antena de telecomunicações. Parte do topo do morro, bem como a vertente sul e sudeste já se encontram parcialmente urbanizadas, tendo ainda na vertente Sudeste laborado uma pedreira de rocha granítica, entretanto abandonada. (Fig 2)

3. Metodologia de Trabalho

A metodologia dos trabalhos arqueológicos realizados no povoado da Cimalha foi sendo afinada, consoante se ia avançando nos trabalhos de escavação, ao longo das três fases já descritas.

Na primeira fase foram realizadas várias sondagens, espalhadas ao longo de toda a área de expropriação para cons-

trução da auto-estrada, em torno do P.K. (Ponto de Quilometragem) identificado no Estudo de Impacto Ambiental como zona com potencial arqueológico.

As sondagens, inicialmente realizadas por meio de quadrículas de 2x2m, ficaram espalhadas por 3 zonas distintas, a Zona A, localizada a Este do P.K. definido, a Zona B, em torno do mesmo P.K. e a Zona C, a oeste do mesmo P.K. Se nas zonas A e C a limpeza foi feita de forma manual, visto aí existir apenas mato rasteiro, já no Zona B

foi necessária a intervenção de um tractor com um atrelado de correntes que limpasse toda a vegetação aí existente.

Nestes primeiros trabalhos privilegamos a escavação na vertical por unidades estratigráficas, tentando identificar e distinguir todas as ocupações humanas que pudessem ter existido no local. Contudo, os elementos identificados não permitiram clarificar essa ocupação, já que foram apenas recolhidas amostras cerâmicas atribuíveis à Idade do Bronze e fragmentos de mós manuais de rebole com cronologia indefinida, o que conduziu à segunda fase dos trabalhos, onde se aumentou a área de escavação, agora por meio de valas de sondagem, com a mesma metodologia de escavação na vertical por unidades estratigráficas, de for-



Figura 2. Localização da área escavada no monte da Cimalha.

ma a permitir a clarificação de alguns pormenores relacionados com a cronologia, tipologia e importância científica dos vestígios entretanto recolhidos.

Foi nesta segunda fase que se identificou a enorme importância dos vestígios arqueológicos descobertos, já que nas valas de sondagem realizadas na Zona B e C foram detectadas estruturas de habitação e ocupação, nomeadamente buracos de poste e restos de lareiras, bem como fossas abertas no saibro para armazenamento de alimentos, estruturas essas em relação directa com vestígios cerâmicos e líticos. Houve então necessidade, face à importância dos achados, de se alargar integralmente a área de escavação nas Zonas A e B, integrando as sondagens já efectuadas numa malha de quadrículas em sistema alfanumérico seguindo a orientação dos pontos cardiais, quadrículas essas de 4x4m, sem banquetas entre elas. Continuamos a proceder à escavação na vertical das unidades arqueológicas até se detectarem estruturas, sendo depois essas escavadas, sempre que possível, por meio de cortes longitudinais, de forma a podermos aferir da deposição estratigráfica no interior dessas estruturas (fossas de armazenamento e sepulturas), sendo as terras provenientes do interior das mesmas peneiradas com malhas finas. Foram ainda recolhidas amostras de carvões e de terras do interior das fossas, bem como recolhidas algumas amostras de sementes do interior das estruturas de armazenamento, recolha essa feita por método de flutuação.

Todos os perfis e estruturas foram desenhados, fotografados e cotados.

4. A Escavação Arqueológica

A escavação arqueológica realizada no Povoado da Cimalha ficou registada com o seguinte acrónimo : **PC-S-FLG-04 (Povoado da Cimalha – Sernande – Felgueiras – 2004)**, tendo a direcção científica dos trabalhos estado a cargo de Pedro Miguel Dias Brochado de Almeida (Mestre em Pré-História e Arqueologia pela FLUP) e Francisco Rui de Carvalho Fernandes (Licenciado em História, variante de Arqueologia pela FLUP).

4.1 - Estratigrafia

Foi possível pela escavação arqueológica reconhecer a seguinte estratigrafia geral para todas as áreas intervencionadas:

Estrato 1- Camada de enchimento de uma violação recente – Terra heterogénea, de cor castanho escuro, com restos de lixo recente (couros de moldes de sapatos, objectos metálicos, plásticos e têxteis).

Estrato 2- Terreno vegetal – Terra heterogénea, humosa, de cor castanho-escuro, misturada com terra cinzenta e carvões, vegetação e muitas raízes, fragmentos de cerâmica contemporânea.

Estrato 3 - Camada de enchimentos dos buracos provocados pelo saque de raízes de árvores – Terra heterogénea, humosa, de cor castanho-escuro. Misturada com saibro de cor amarelo e pequenas lascas graníticas de pequeno e médio porte.

Estrato 4 – Camada de enchimento da violação para exploração de saibro e granito – Terra heterogénea, de cor castanho acinzentado, misturada com terras de cor castanho escuro e saibro de cor amarelo, com muitas lascas e escombros de granito de cor azul e cinzento.

Estrato 5 – Camada de deposição de entulho saído da construção de um poço de extracção de água – Saibro de cor amarelo com escombros de rocha granítica de vários tamanhos e formas.

Estrato 6 – Camada de enchimento de pequenos buracos com função indeterminada – Terra heterogénea, de cor castanho claro misturada com saibro amarelo.

Estrato 7 – Camada de enchimento das valas de saque de muros de divisão de propriedade – Terra heterogénea, humosa, de cor castanho escuro com nódulos de terra de cor cinzento, muitas raízes, fragmentos de cerâmica, líticos em granito e quartzo, bem como pedras graníticas de forma e tamanho variado.

Estrato 8 – Camada de enchimento para cultivo – Terra heterogénea, bastante humosa, de cor castanho escuro misturada com alguns nódulos de saibro.

Estrato 9 – Antigo terreno vegetal que sela algumas das fossas de armazenamento de alimentos – Terra heterogénea, de cor castanho misturada com restos de saibro e algumas pedras graníticas de vários tamanhos e portes.

Estrato 10 — Camada de deposição natural que sela algumas das fossas de armazenamento de alimentos - Terra homogénea, em algumas quadrículas bastante compacta, de cor castanho escuro, humosa, com fragmentos cerâmicos. Esta camada serviu também de camada de ocupação e circulação.

Estrato 11 – Camada de enchimento dos buracos de poste – Terra heterogénea, desagregada, de cor castanho com nódulos de cinzento e saibro de cor amarelo

Estrato 12 – Camada de enchimento das fossas de armazenamento de alimentos – Terra heterogénea, de cor castanho acinzentado, com nódulos de saibro e pedras graníticas de vários tamanhos e formas, entre os quais restos de mós de rebole e respectivos moventes manuais, fragmentos de cerâmica e líticos de quartzo e granito.

Estrato 13 – Camada selagem do fundo falso da fossa de armazenamento de alimentos n.º 105 – Camada de barro de cor laranja, homogéneo e bastante compacto.

Estrato 14 – Camada de enchimento do depósito dentro da fossa n.º105 – Terra homogénea. De cor preto, com bastantes carvões e cinzas.

Estrato 15 – Camada de enchimento das fossas sepulcrais – Terra heterogénea, de cor castanho-escuro misturada com nódulos de cinzento e saibros amare-

los, carvões e pedras graníticas e quartzos de pequeno porte, com cerâmica (pote). Esta camada subdivide-se noutras camadas conforme as sepulturas mais antigas que são cortadas por outras mais recentes.

Estrato 16 – Camada de ocupação/abandono das habitações (cabanas) – Camada pouco espessa de cinzas de cor preto e carvões.

Estrato 17 – Piso da habitação onde se detectou restos de uma lareira (cabana n.º 1) - Terra homogénea, bastante compacta, oxidada, barrenta de cor vermelho alaranjado.

Estrato 18 – Camada de preparação e enchimento para assentamento do piso e lareira da cabana n.º 1 – Terra homogénea, barrenta, de cor castanho.

Estrato 19 – Camada não arqueológica originária da desagregação do terreno geológico – Terra saibro-sa, de cor castanho claro com lascas de granito e quartzos de vários tamanhos e portes.

Estrato 20 – Camada não arqueológica – Terreno geológico, composto por saibro de cor amarelo e granito, quer cinzento quer azul.

Est. Arqueológico	Período	Funcionalidade
1 2 3 4 5 6	Contemporâneo	Lixeira Uso Agrícola Exploração Madeira Exploração Pedra Construção Poço Uso Agrícola
7 8	Moderno / Contemporâneo	Destruição Muros Propriedade Uso Agrícola
9 10 11 12	Indeterminado	Terrenos vegetais Enchimento buracos poste Enchimento fossas silagem
13 14 15 16 17 18	Bronze	Selagem barro fossa 105 Cinzas interior fossa 105 Enchimento fossa sepulcrais Camada ocupação cabanas Piso e lareiras Preparação/nivelamento Pisos
19 20		Terreno Geológico em Desagregação Terreno Geológico

Quadro 1. Quadro - Síntese da Estratigrafia

4.2 – Comentário ao registo estratigráfico geral

Analisando então toda a estratigrafia detectada podemos dizer que o registo estratigráfico mais antigo corresponde a camadas sem interesse arqueológico. Tratam-se de camadas geológicas (estratos 19 e 20), sendo essas as camadas onde foram rasgadas as estruturas detectadas.

Cronologicamente segue-se a camada de preparação para assentamento do piso das cabanas (estrato 18), cuja função era o de regularizar as imperfeições do terreno, tornando-o mais plano e nivelado. De seguida assentou-se o piso das habitações, onde se incluem também as lareiras (estrato 17). Este não será o piso original das habitações, até porque o elevado número de buracos de poste, alguns com alinhamentos diferentes, parece indiciar que elas sofreram diversas reformas e restauros, sendo então este o piso da última ocupação do local, já que não foi possível detectar outros. Sobre o piso encontrou-se uma fina camada de ocupação (estrato 16) que na zona das lareiras assumia uma maior espessura.

As fossas de silagem e as sepulturas serão, em parte, contemporâneas das cabanas de madeira. Todavia, como todas estas estruturas foram abertas no terreno geológico, é difícil estabelecer uma relação cronológica entre elas através da sequência estratigráfica.

As fossas sepulcrais e *tumuli* em madeira abertos no terreno geológico, após o enterramento, são cobertas então por terra (estrato 15). A dada altura, o aumento da área de enterramentos levou a que este praticamente se unisse à zona dos silos de armazenamento, existindo um caso que, aparentemente, um dos silos foi utilizado como local para enterramento, sendo este um caso único detectado em toda a zona. Para o efeito foi escavada uma pequena cavidade no fundo da fossa de silagem que, depois de cheio com cinzas (estrato 14), foi selada com uma argamassa de barro (estrato 13). Este facto pode querer indiciar que o silo continuou a ser utilizado como área de armazenamento, embora coloquemos muitas reservas nesta afirmação, já que não detectamos indícios arqueológicos que nos permitam afirmar categoricamente o mesmo.

Seguem-se então estratos relacionados com o abandono do povoado. É o caso da camada de terra que encheu parcialmente algumas das fossas de silagem (estrato 12), misturada com restos de mós manuais,

pedras e alguns fragmentos cerâmicos, bem como da camada de terra que enche os buracos de poste (estrato 11), provavelmente originária da decomposição dos postes de madeira.

Ao abandono, seguiu-se um período em que toda a área foi ocupada por vegetação que, depois de morta, deu origem a uma camada humosa. Estas terras (estratos 9 e 10) acabaram por selar a totalidade das fossas de silagem, bem como o espaço ocupado pelas cabanas, entretanto destruídas.

Mais recente é uma camada de terra que serviu de terra de cultivo (estrato 8). A ocupação agrícola do terreno é bem visível nos sulcos talhados em algumas das rochas graníticas de maiores dimensões í existentes, provocados pela passagem do arado metálico. A capacidade produtiva destas terras atraiu os agricultores que emparcelaram esta área com recurso a muros de divisão da propriedade.

O recente movimento de concentração da propriedade levou à fusão de vários terrenos, resultando na destruição de muitos desses muros, fenómeno que ficou também registado na sequência estratigráfica (estrato 7). A actividade agrícola necessitava de grande quantidade de água pelo que a presença de um poço nas imediações não é de estranhar. A sua construção deixa marcas que acabaram por ser identificadas no âmbito da intervenção arqueológica (estrato 5).

Paralelamente este espaço foi também alvo de exploração de pedra, especialmente de granito azul. Toda a área arqueológica esta pejada de batólitos graníticos arredondados e de diferentes dimensões. Alguns deles foram removidos, remoção que implicou a abertura e a selagem de valas de saque com detritos dessa mesma exploração (estrato 3).

Em algumas zonas da área escavada também se efectuou a exploração de madeira, fosse para exploração económica ou regularizar o terreno agrícola, levando em alguns casos a arrancarem as próprias raízes destas árvores. Deste modo, tornou-se necessário tapar e regularizar o terreno com terras (estrato 3).

As duas actividades anteriores permitiram aumentar a área de exploração agrícola, através do lançamento de uma nova camada de terra (estrato 2).

Mesmo após o abandono agrícola do local, e este ter sido ocupado por giestas e ervas daninhas, a versatilidade funcional do local foi reforçada pelo facto de ter sido utilizado como depósito de lixos e de desper-

dícios de uma fábrica têxtil e outros desperdícios. Restos de lixo encontravam-se disseminados um pouco por toda a área, bem como foi detectado um grande buraco aberto no terreno, para onde foram lançados restos de vestuário, de couro, moldes de sapatos, metais e plásticos, tendo por fim, tudo isto sido tapada por uma camada de terra (estrato 1).

4.3 – Estruturas detectadas

A intervenção arqueológica permitiu detectar diversos tipos de estruturas. Destacamos as lareiras e restos de piso de duas cabanas, e respectivos buracos de poste, bem como outras estruturas abertas no terreno geológico, nomeadamente fossas, quer do tipo de fossas de armazenamento de alimentos do tipo silo, quer do tipo de fossas sepulcrais em forma de cista plana. (Fig. 3)

4.3.1 – Cabanas e Lareiras

Os trabalhos arqueológicos permitiram identificar a localização de duas lareiras, ou os vestígios destas. Estas situam-se nas quadrículas E1 e H4 respectivamente, sendo delimitadas por pequenas fossas abertas no saibro, de formas circular, sub-circular e ovaladas, interpretadas como buracos de poste, formando assim duas cabanas.

As lareiras tratam-se apenas de restos de um piso barrento oxidado, bastante compactado, de coloração vermelho - alaranjado. Assentavam, pelo menos no caso registado na cabana 1, numa terra barrenta de cor castanho, que servia-lhe de preparação e enchimento para a respectivo assentamento da lareira. Sobre ambas as lareiras foi ainda detectada uma camada de ocupação/abandono das habitações (cabanas), composta por uma fina camada de cinzas de cor preto e carvões, cujos restos foram recolhidos para análises, mas cuja quantidade recolhida não é suficiente para uma datação por C14.

As lareiras encontravam-se no interior destas duas estruturas, cujos alicerces assentavam então em bura-



Figura 3. Fotografia aérea da área escavada

cos de poste. Os buracos de poste detectados encontram-se distribuídos pelas quadrículas E1-F1-G1-E2-F2-G2, sendo esta a Cabana 1, e pelas quadrículas G4-H4-I4-G5-H5-I5, sendo esta a cabana 2, tendo sido detectados um total de 68 buracos de poste, sendo que 46 pertencem à cabana 1 e os restantes 22 à cabana 2.

Os buracos de poste possuem várias formas e tamanhos, destacando-se os de forma circular ou sub-circular e mesmo ovalados, com dimensões médias de 20 a 30 cm. (Fig 4)

Estas cabanas encontram-se situadas junto ao limite Sul/Sul-Sudeste da área escavada, sendo que as suas formas deram-se a conhecer tanto pelos buracos de poste, como pelos pisos e respectivas lareiras. A localização de ambas é muito próxima, sendo que em seu redor existem várias fossas de aprovisionamento, em provável articulação entre ambas as estruturas. Estas fossas de aprovisionamento encontram-se, nomeadamente junto à cabana 1, onde se identificaram as fossas de armazenamento com os números 10,11,13 (Q-F1), 15 (Q-D1), 16 (QD1-D2), 36 (Q-G1), 35 (Q-F2), 88 (Q-F2-F3), 89 (Q-F3) e 90 (Q-G2). Já quanto à cabana 2, junto a ela encontram-se as fossas de armazenamento com os números 82 (Q-H5), 103 (Q-G4-G5), 109,110,111 (Q-G5) e 102 (Q-G4), podendo ainda ser detectadas outras nas suas imediações.

Não existem estruturas similares noutras áreas da escavação, pelo que parece credível pensar que as restantes estruturas arquitectónicas da zona habitacional

do povoado, neste caso cabanas, encontram-se numa cota superior àquela onde se procedeu esta intervenção.

A grande quantidade de buracos de poste encontrados, alguns dos quais com alinhamentos diferentes, permitem pensar em diversas reformulações destas cabanas, contudo não foi possível descortinar no registo arqueológico a quantidade de reformulações que estas mesmas podem ter tido, face se tratarem de um tipo de estruturas abertas no substrato saibroso e por existir uma enorme perenidade dos



Figura 4. Fotografia da Cabana 1.

elementos construtivos que as compunham. Essa necessidade premente de constante reformulação das cabanas estará relacionada com a combinação de 3 factores: os fortes ventos que aí se fazem sentir, especialmente durante o Inverno, a implantação do povoado num monte desabrigado e a própria natureza dos materiais de construção. Aliás, a preocupação com a resistência das construções levou à criação de cabanas com a forma de gota de água, analisando os alinhamentos deixados pelos buracos de poste, sendo que a área em forma de cunha encontra-se voltada para Este, de onde provêm os ventos mais fortes. Deste modo, diminuiu-se a resistência ao vento, tentando dotar estas estruturas de uma maior resistência e durabilidade.

Estas cabanas, construídas com materiais perecíveis, tais como postes e ramos em madeira, em provável conjugação com elementos saibrosos e barrentos, funcionariam então como local de habitação das populações que povoavam o monte das Cimalha. A ocupação habitacional das respectivas cabanas é comprovada pela presença das duas lareiras detectadas, uma por cabana no interior do perímetro delimitado pelos buracos de poste. Contudo, face aos dados existentes, é muito difícil estabelecer seguramente qual a temporalidade de ocupação destas construções, bem como seria o seu real tamanho ou forma.

O último elemento relevante a mencionar é a quase exiguidade de vestígios cerâmicos ou metálicos

dentro delas ou nas suas imediações, aliás um dado que se repete ao longo de boa parte de toda a área onde foi efectuada a escavação arqueológica, o que nos pode levar a questionar se estas seriam mesmo cabanas de habitação, ou então estruturas de apoio à grande área de silagem aí detectada? Mesmo face à exiguidade de espólio arqueológico, estamos convencidos, face ao elevado número de silos identificados, que estas seriam cabanas de ocupação habitacional, funcionando mesmo com um carácter permanente.

4.3.2 – As Fossas para armazenamento de alimentos – Silos

Outro dos elementos arqueológicos detectados no povoado das Cimalha foram fossas de armazenamento de alimentos do tipo silos. Os silos detectados possuem, em grosso modo, poucas variantes tipológicas. São todas elas fossas abertas no substrato saibroso, quase todos com uma abertura circular ou sub-circular, variando entre os de abertura estreita e os de abertura larga. Em termos de paredes, distinguem-se aqueles que possuem paredes côncavas bastante bojudas, dos que possuem paredes verticais, bem como dos de paredes oblíquas ou então os de paredes irregulares. Em termos de profundidade, distinguem-se os silos que possuem pouca profundidade, dos de profundidade mé-

dia e dos de grande profundidade, o que se reflecte na quantidade de alimentos que podiam ser armazenados, expressos em termos de cubicagem.

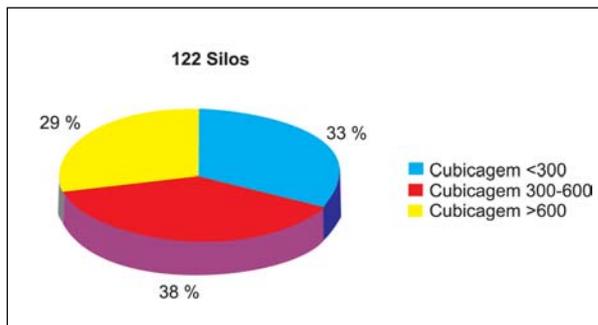


Gráfico 1. Gráfico percentual dos silos por cubicagem

No total foram encontradas 122 fossas deste tipo. A maioria delas provavelmente serviria para o aprovisionamento de alimentos, sendo que a maior percentagem dessas fossas não está associada às cabanas identificadas, permitindo pensar que a Cimalha possuía uma área comunitária especializada no armazenamento de alimentos. Apenas podemos associar 16 fossas de aprovisionamento às duas cabanas existentes, o que é apenas 14% do total de silos detectados, sendo que uma esmagadora maioria (86%) dos silos poderia então pertencer à enorme área comunitária. (Fig. 5)

A selecção da sua localização era meticulosa, impondo que todos fossem rasgados em áreas onde a ro-

cha já havia perdido a coesão estrutural, e havia sido transformada em saibro. Esta opção garantia que as fossas de aprovisionamento eram abertas rapidamente e sem grande dispêndio de recursos.

Todavia, foram encontradas algumas fossas de aprovisionamento cuja construção foi interrompida e abandonada. Um dos factores que levava a tomada desta decisão prende-se com o facto de quem abriu estas fossas ter encontrado rocha inalterada a pouca profundidade, levando a que estas fossas fossem cheias de terra e inutilizadas. Tal é o exemplo das fossas com os números 17 (Q-C2), 18 (Q-C1), 74 (Q-J4) e 90 (Q-G2), sendo a fossa 74 o exemplo mais ilustrativo, onde após o início da abertura da fossa, foi detectada a presença de rocha granítica, o que motivou o abandono e enchimento da mesma. Consequentemente, o esforço construtivo foi direccionado para uma área onde as condições do terreno eram mais favoráveis.

Essas decisões só foram possíveis porque o monte da Cimalha colocou poucos entraves à expansão do povoado. As suas encostas suaves e prolongadas disponibilizaram áreas amplas, pelo que não era difícil encontrar locais alternativos para implantar estruturas inicialmente planeadas para outros espaços. (Fig. 6)

As fossas de aprovisionamento convencionalmente designadas por silos podem ser divididas em três grandes categorias consoante a sua capacidade de armazenamento: de grande (>600 m³), de média (300 a 600 m³) e de pequena capacidade (<300 m³).

De todos os silos detectados, a maior percentagem agrupa-se nos de média capacidade (300-600 m³) com 38% dos silos. Logo de seguida encontram-se os de pequena capacidade (<300 m³) com 33%, e por fim os de grande capacidade (>600m³) com 29%.

Existem alguns exemplares cuja capacidade rondaria os 100 litros (Fossa 213 – Q- C9), enquanto outros poderiam conter mais de 1100 litros (Fossa 66 – Q-E4).



Figura 5. Fotografia do silo 8 após a sua escavação.



Figura 6. Fotografia da área com silos.

Contudo, realçamos que aqueles que mais baixa capacidade de armazenamento possuem, são também os silos que mais destruídos se encontravam, podendo, se estivessem em perfeitas condições, aumentar esta capacidade.

Também é de destacar que os silos com maior capacidade de armazenamento são aqueles que possuem uma forma circular, de abertura estreita e paredes côncavas ou ovóides, o que nos leva a questionar se não seriam estes que se encontravam em melhores condições de preservação em relação a todos os outros. Este questão contudo não obteve resposta nos registos arqueológicos recolhidos.

A média rondaria então entre os 400 e os 500 litros de capacidade de armazenamento, valores que se multiplicados pelo número de silos detectado atingiria como capacidade total de armazenamento números entre os 48,880 a 61,000 litros de armazenamento. Estes números devem ser analisados com muitas reservas pois é difícil comprovar a contemporaneidade de todos estes silos, bem como não existe a certeza de que foram detectados todos os silos do povoado. Com certeza existem mais em áreas que não foram escavadas, quer para Sul, subindo até ao topo do morro das Cimalha, quer para Norte e Oeste.

Tipologicamente, as fossas de aprovisionamento

assumem diversas formas. A forma mais comum é a circular com paredes côncavas ou verticais, fundo arredondado e entrada larga. Esta representa mesma 50% da totalidade das formas identificadas, possuindo uma profundidade baixa ou média, o que depois se reflecte na quantidade de alimentos armazenados expressos em cubicagem. A mesma forma circular subdivide-se depois nas fossas com paredes ovóides ou côncavas, fundo arredondado e entrada estreita, representando estas um total de 14,75%; nas fossas com paredes oblíquas e entrada larga com 16,4%; e por

fim as paredes e fundo irregular com 15,58%. As restantes fossas são aquelas que apresentam uma forma sub-circular, sendo na sua maioria fossas com paredes verticais ou côncavas, representando apenas 3,27% dos silos detectados. (Fig. 7)

Parte das terras provenientes dos silos foram sujeitas a crivagem com malhas finas e mesmo a flutuações no local de escavação, mas que não produziram grandes resultados. Foram então recolhidas diversas amostras de terras do interior dos silos para análises posteriores, cujo intuito é o de proceder à identificação das espécies armazenadas, bem como à datação de alguns dos carvões que se encontraram no seu interior. No estado actual da investigação não é possível revelar nenhum dos resultados.

A escavação das fossas de aprovisionamento permitiu perceber que o seu abandono foi progressivo. A análise das camadas arqueológicas detectadas no seu interior, indicam-nos camadas de deposição de detritos, de origem natural e antrópica. O abandono destas estruturas é tanto mais evidente quando se percebe que perto da boca da fossa n.º 63 (Q-M3) foi encontrada uma mó manual a selar a mesma. Este aliás é um outro elemento de destaque. De facto, boa parte das fossas de aprovisionamento continham, no seu interior, elementos pétreos associados a actividades de moagem.

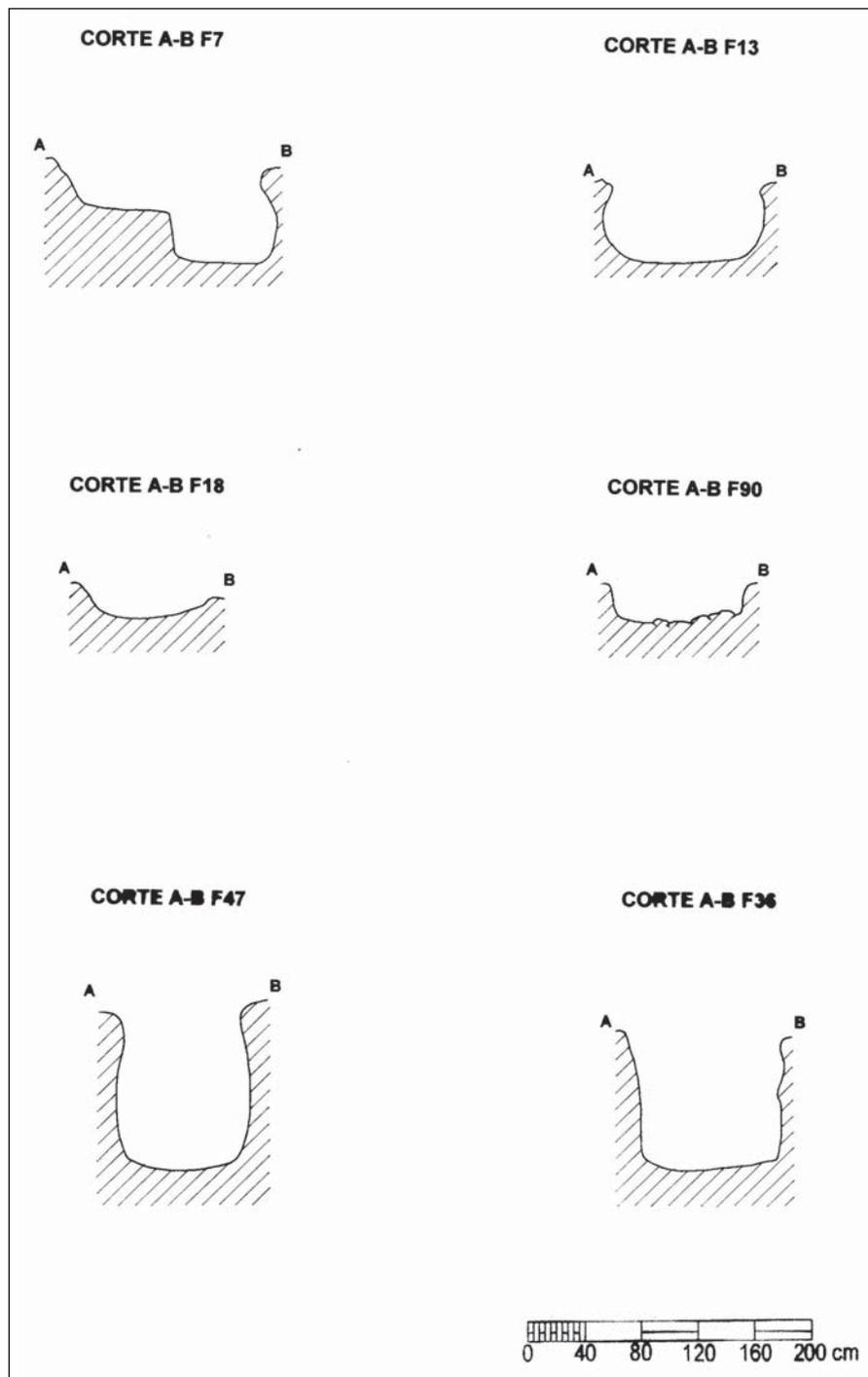


Figura 7. Desenhos cortes de perfil de alguns silos.

Foram detectados inúmeros fragmentos de mós manuais e moventes, sendo que nalgumas fossas foram mesmo detectadas mós manuais inteiras, o que comprova a sua utilização enquanto fossas de aprovisio-

namento de cereais. Em algumas destas fossas de aprovisionamento foram ainda detectados no seu interior vestígios de entalhes escavados nas paredes de saibro da fossa, quer perto da sua boca, o que serviria para colocar uma tampa que selasse a fossa e a protegesse o seu conteúdo das intempéries naturais, favorecendo a sua preservação, quer a meio da fossa, o que leva a supor que se trataria de uma divisão interna da própria fossa. Tais são os exemplos das fossas números 10 (Q-F1), 25 (Q-H6), 84 (Q-L1), 87 (Q-C6-D6), 91 (Q-K3) 3 97 (Q-J5-J6).

A escavação das fossas de aprovisionamento não permitiu detectar quaisquer resíduos de um provável revestimento das paredes das fossas de aprovisionamento.

Destacamos um caso único no universo de todas estes silos que é o da fossa de aprovisionamento n.º 105 (Q- J7-J8). Ao contrário de todas as outras cujo fundo era o substrato saibroso, esta fossa possuía um fundo falso em argila. Uma vez removido, foi possível identificar que existia uma pequena cavidade repleta de cinzas. Elas foram recolhidas para futuras análises laboratoriais, embora, como hipótese de trabalho, é provável que pudessem pertencer a

uma cremação. De qualquer modo, estamos face a um depósito intencional, posterior à utilização da fossa e por terem selado essa cavidade, terá sido possível manter a fossa de aprovisionamento em funcionamen-



Figura 8. Fotografia do silo 105.

to, já que as cinzas nunca estavam em contacto directo com o conteúdo da fossa de aprovisionamento. Se assim foi, poderá este ser um indício de propriedade? (Fig. 8)

4.3.3 - As fossas sepulcrais

Os enterramentos identificados nesta intervenção podem ser divididos em dois tipos, as de inumação e de cremação, num total de 175 fossas. 174 são fossas de inumação, enquanto de cremação foi encontrado único exemplar, que será a Fossa 105, anteriormente referida.

Quanto às restantes fossas, estas são sepulturas sob a forma de cistas planas de inumação, sub-rectangulares, com paredes côncavas, rasgadas no terreno geológico saibroso. (Fig 9)

Localizam-se no lado mais oriental da zona escavada, espalhadas por uma área de cerca de 1088m², não tendo sido identificada qualquer barreira arquitectónica construída que separasse os silos das sepulturas.

Foram identificadas 175 sepulturas de inumação de cista plana escavadas no saibro. As suas dimensões médias situam-se nos 222cm de comprimento, por 85cm de largura e uma profundidade de 35cm. Existem sepulturas menores e maiores, em termos de dimensões.

Nem todas possuem uma orientação semelhante. Vinte e quatro das sepulturas possuem uma orientação Este/Oeste, o que corresponde a 14% do total das

sepulturas. Trinta e oito possuem uma orientação Nordeste/Sudoeste, representando 22%. Quarenta possuem uma orientação Noroeste/Sudeste, totalizando 23%. A maior percentagem de sepulturas 40%, num total de setenta e uma, possui uma orientação Norte/Sul, existindo ainda uma sepultura que não foi possível determinar a sua orientação face ao seu estado de desagregação.

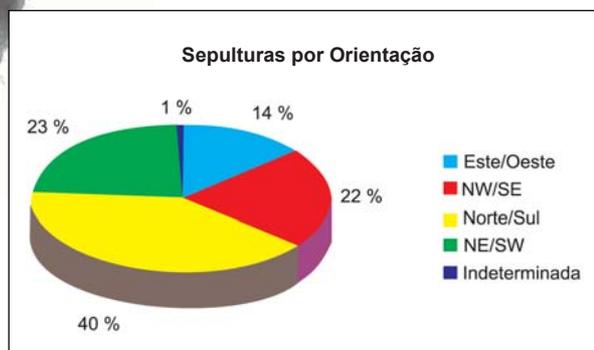


Gráfico 2. Gráfico percentual das Sepulturas por orientação

Esta situação de diferentes orientações das sepulturas levanta a possibilidade dos enterramentos terem sido efectuados ao longo de um período cronológico muito dilatado. Esta hipótese pode ser confirmada pela sobreposição de algumas delas.

Outros meios de prova poderão ser as amostra de carvão, retiradas do interior de algumas das sepulturas, depois de submetidas a testes de Carbono 14.

O enchimento destas fossas sepulcrais era, em grosso modo, o mesmo tipo de terras em todas elas, o identificado estrato 15, composto por uma terra heterogénea, de cor castanho escuro misturada com nódulos de cinzento e saibros amarelos, carvões, pedras graníticas e quartzos de pequeno porte. Além de carvões dispersos, em duas delas foram detectadas grandes presenças de carvões, que posteriormente iremos descrever com mais pormenor. Esta camada subdivide-se noutras camadas conforme as sepulturas mais antigas que são cortadas por outras mais recentes, embora não tenham sido detectadas diferenças quanto ao tipo de terras. Esta sobreposição só foi possível identificar ao analisar a orientação das sepulturas no e respectivos cortes no terreno geológico.

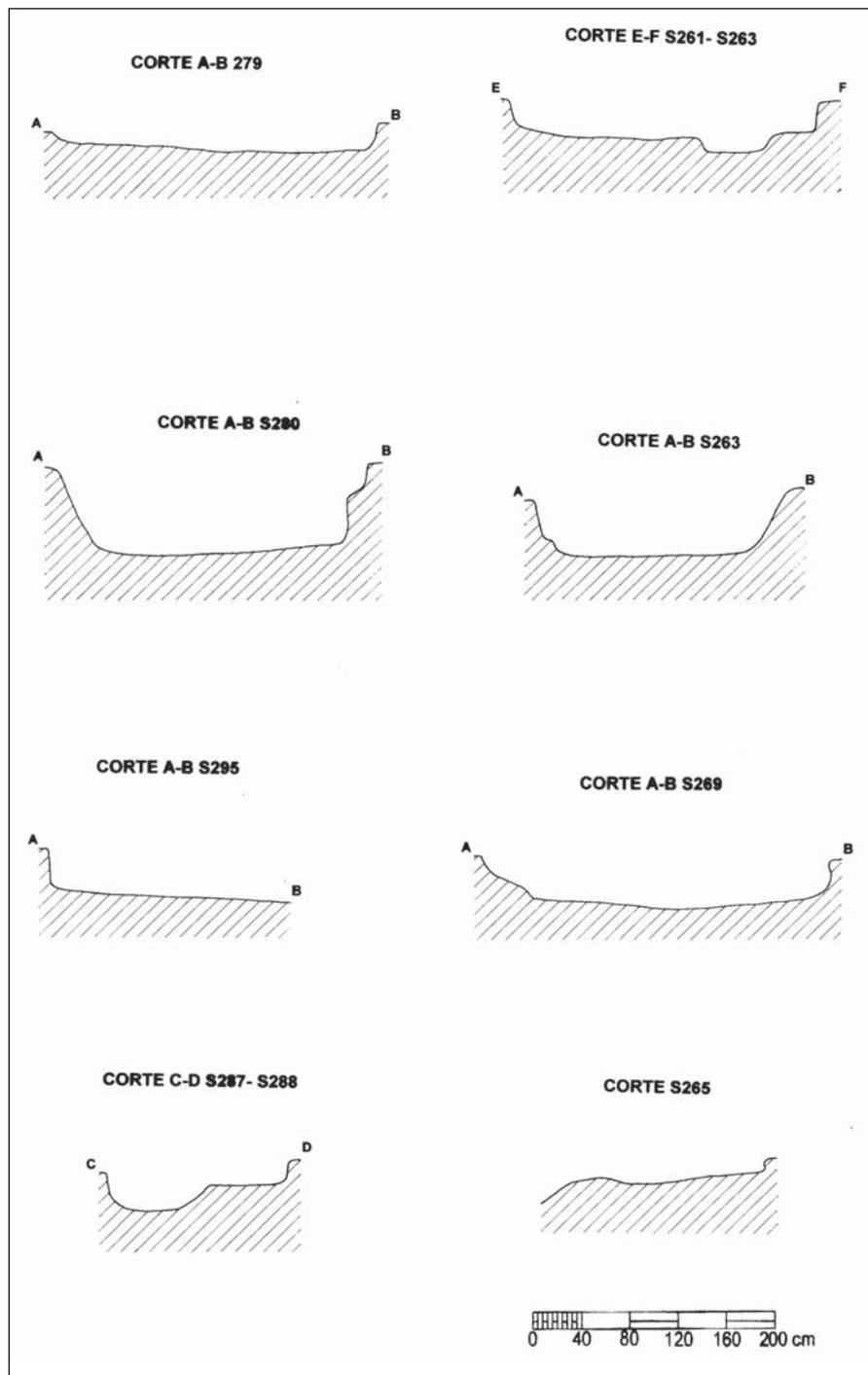


Figura 9. Desenhos de cortes de perfis de algumas sepulturas.

Em 120 dessas sepulturas encontrava-se um pote cerâmico, provavelmente votivo, situado sempre numa das extremidades das mesmas. Não existia contudo nenhum padrão quanto à localização deste potes

votivos em relação à orientação das sepulturas, ou seja, em quaisquer das orientações, os potes votivos foram encontrados em quaisquer uma das extremidades das mesmas, não sendo possível dizer se estes se situavam na cabeceira ou aos pés do corpo inumado na sepultura. (Fig. 10)

Caso curioso é o da sepulturas n.º 322 (Q- R7-S7), que possui uma orientação Norte/Sul. Durante a sua escavação foi identificado, sob a forma de madeira carbonizada, um suposto caixão. No interior dessa caixa de madeira, composta por fundo, paredes laterais e tampa, foi encontrado um pote tronco-cónico em muito bom estado de conservação. (Fig. 11)

(Fig. 12) Outras sepulturas possuíam o mesmo ritual de enterramento, tal como na fossa 245 (Q - R4), onde também se detectou uma grande extensão de carvão na superfície da sepultura e carvão na sua base, mas nem neste nem em qualquer outro dos casos detectados, foi possível documentá-lo com tanta precisão como na fossa 322. Nestas sepulturas também se documentou a presença de madeira carbonizada e cinzas, mas em nenhuma delas era evidente que faziam parte de uma caixa em madeira. Essa evidência

só se tornou clara com a descoberta da sepultura da fossa 322. (Fig. 13)

Perante esta evidência, será necessário actualizar os conceitos relacionados com os rituais de enterra-



Figura 10. Fotografia da sepultura 244 após a sua escavação.



Figura 11. Fotografia da sepultura 322 após a limpeza da terra que enchia o caixão de madeira.



Figura 12. Pote saído da sepultura com caixão.

mento deste período, para a região do Noroeste de Portugal. Ao confirmar-se as datações apresentadas através de métodos radiocarbónicos, este facto irá alterar a visão sobre a mentalidade e relação que existia na Idade do Bronze, relativamente aos rituais associados à morte e enterramentos subsequentes.

Relativamente aos enterramentos após cremação, a intervenção arqueológica só detectou um possível caso, o da Fossa nº 105, já mencionado anteriormente.

5. Conclusões

O povoado da Cimalha, após a análise destes dados arqueológicos parciais, apresenta características de ter sido um povoado com estruturas cavadas no saibro, provavelmente aberto, sem estruturas defensivas visíveis, possuindo pelo menos dois níveis de ocupação que percorrem, pensamos nós, toda a Idade do Bronze.

A área escavada revelou estarmos na presença de um povoado com três áreas especializadas, uma habitacional associada a estruturas de aprovisionamento, à qual correspondem as estruturas tipo cabanas identificadas pelos buracos de poste e respectivos silos; uma outra exclusivamente de aprovisionamento, à qual se poderia apelidar de “grande armazém”, onde só foram detectados silos, uma boa parte deles com elementos pétreos relacionados com a moagem de cereais, nomeadamente mós manuais ou o que restam delas e respectivos moventes e uma terceira área, esta funerária, ao qual se pode apelidar de necrópole do

povoado, cujas sepulturas são abertas no saibro sem estruturas delimitadoras, área essa situada relativamente próxima, se não mesmo contígua, à área com estruturas de aprovisionamento.

Esta proximidade leva-nos a equacionar que o sítio da Cimalha foi um lugar onde as actividades sagradas e profanas estiveram profundamente interligadas, numa perspectiva de ver o mundo onde os mortos e os vivos conviveram em grande intimidade.

A falta de estruturas, ou pelo menos a sua não detecção no registo arqueológico, que delimitassem estes dois espaços com funções tão distintas, parece confirmar esta hipótese. A necrópole era perfeitamente visível e pode-se dizer mesmo “palpável”, para as populações que utilizassem os silos, numa actividade que pensamos seria quase diária.

A necrópole fazia então parte do próprio povoado. Encontra-se numa área delimitadora do mesmo mas perfeitamente enquadrada nele, o que corrobora a afirmação da integração da necrópole na área do povoado, uma situação já conhecida, como no caso do Povoado de Bouça do Frade, em Baião, mas que representa uma enorme evolução quando pensamos em períodos da pré-história mais antigos. Mesmo ainda, sem um suporte de datações absolutas para a estação, a análise dos elementos recolhidos e sobretudo dos vasos cerâmicos saídos da necrópole, parece indiciar que este povoado teve uma ocupação fixa, desde o final do III milénio a.C. até ao final da Idade do Bronze. Este, aliás, é um carácter que salientamos, o de uma ocupação fixa do local, já que a grande quantidade de estruturas de aprovisionamento e de sepulturas, não se coadunam com a ideia de povoado de ocupação sazonal.

Creemos que as populações que ocuparam o sítio da Cimalha, desde o Bronze Antigo ou Bronze Médio, tiveram a necessidade de o marcar simbolicamente e de lhe conferir um “sentido de sítio”, assegurando, deste modo, a estabilidade, a legitimação da posse e criando laços de identidade com o novo território de vivência. Com os dados que dispomos tal parece ter sido feito através dos enterramentos continuados, em actos que se supõem públicos, tendo em vista as características abertas e de fácil acesso à necrópole, pois os mortos contribuem para conferir identidade aos locais, tornando-se, progressivamente, em antepassados, a quem a sociedade atribui histórias que contribuem para perpetuar a memória do lugar.

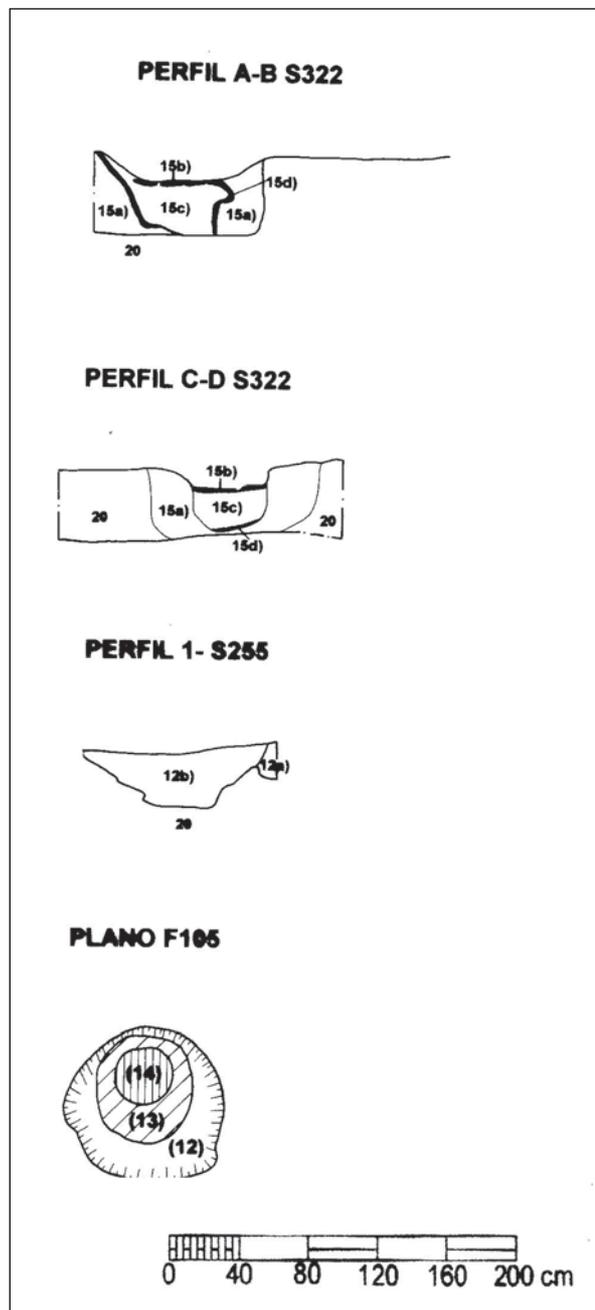


Figura 13. Desenhos cortes perfis da sepultura com caixão1.

Como não foram detectados vestígios posteriores, poderá deduzir-se que este povoado perdeu funcionalidade, tendo sido definitivamente abandonado antes da transição para a Idade do Ferro. Este facto é explicável por este local não possuir características naturais para a implementação de estruturas defensivas, tão próprias dos povoados da Iª Idade do Ferro.

7. Bibliografia

BETTENCOURT, A.M.S. (1995) - *Dos Inícios aos Finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal*. Actas da Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder, Ed. S.E.C., Lisboa, 110-115.

BETTENCOURT, A.M.S. (1997) - *Expressões funerárias da Idade do Bronze no Noroeste Peninsular*. Actas do IIº Congresso de Arqueologia Peninsular. Zamora. Fundación Rei Afonso Henriques, p. 621 - 632.

BETTENCOURT, A.M.S. (1999) - *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*. 5 vols (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, na área de Pré-História e História Antiga – policopiada).

BETTENCOURT, A.M.S. (2000) - *O Povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal*. Cadernos de Arqueologia – Monografias 9, Universidade do Minho/Instituto de Ciências Sociais, Braga.

BETTENCOURT, A.M.S. (2000) - *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da Bacia do Cávado (Norte de Portugal)*. Cadernos de Arqueologia - Monografias 11, Universidade do Minho/Instituto de Ciências Sociais, Braga.

BETTENCOURT, A.M.S. (2000) - *O vale do Cávado (Norte de Portugal) dos finais do III Milénio aos meados do I Milénio a.C.: Sequências Cronológico-Culturais. Pré-História Recente da Península Ibérica*. Actas do 2º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. IV, ADECAP, Porto, 79-93.

BETTENCOURT, A.M.S. (2001) - *O Povoado da Santinha, Amares, Norte de Portugal, nos finais da Idade do*

Bronze. Cadernos de Arqueologia – Monografias 12, Universidade do Minho/Instituto de Ciências Sociais, Braga.

CARDOSO, J.L. (2002) - *Pré-História em Portugal*. Editorial Verbo, Lisboa.

DINIS, A. (1991/1992) - *Cerâmicas do Bronze Final de Castelo de Matos (Baião)*, Cadernos de Arqueologia, 8/9, Braga, 119-142.

FABIÃO, C. (1993) – *O Bronze Final*. in História de Portugal, I volume (Antes de Portugal), Editorial Estampa, Lisboa, 78-119.

DINIS, A.P. (1991/92) - *Cerâmicas do bronze final do Castelo de Mateus (Baião)*. Cadernos de Arqueologia, Série II, 8-9, Museu D. Diogo de Sousa / Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga, 119- 142.

JORGE, S.O. (1988) - *O Povoado do Frade (Baião) no quadro do bronze final do Norte de Portugal*. Monografias Arqueológicas 2, Porto, GEAP.

JORGE, S.O. (1990) - Complexificação das sociedades e a sua inserção numa vasta rede de intercâmbios. *Das Origens à Romanização*. Nova História de Portugal (coord. Jorge de Alarcão), vol. I, Ed. Presença, Lisboa, 214-251.

JORGE, S.O. (2005) - *Sociedades Hierarquizadas, Sociedades estratificadas*, in História do Douro e do Vinho do Porto, (coord. Carlos Brochado de Almeida), vol. 1, GEHVID e Ed. Afrontamento, 166-179.

JORGE, S.O. e JORGE V.O. (2005) - *Agricultores e Pastores Fixados no território*, in História do Douro e do Vinho do Porto, (coord. Carlos Brochado de Almeida), vol. 1, GEHVID e Ed. Afrontamento, 108-165.